

A IMPLANTAÇÃO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL E DOS BATISTAS BRASILEIROS: UM CONTRASTE ENTRE DOIS MODELOS MISSIONÁRIOS¹

Donaldo Price²

RESUMO

Muitas vezes vivemos a história sem conseguirmos perceber que é possível obter melhores resultados para o futuro. Esse artigo é a transcrição de uma aula inaugural em que o autor faz um estudo comparativo entre as origens das denominações batista e da

Assembléia de Deus no Brasil e como estas duas denominações construíram a sua história cotidiana. Ao final o autor demonstra aos batistas algumas práticas observadas no modo de ser das Assembléias de Deus, possíveis de serem aplicadas no cotidiano das igrejas batistas.

ABSTRACT

We often live history without understanding that it is possible to achieve better results in the future. This article is a transcription of the inaugural lecture in which the author does a comparative study of the origins of the Brazilian Baptist and Assemblies

of God denominations and how each constructed its history. At the end, the author shows Baptists how some of the practices adopted by the Assemblies of God, which contributed to their success, can be applied to the daily life of the Brazilian Baptists.

¹ Aula inaugural ministrada na Faculdade Teológica Batista de São Paulo em 31 de julho de 2001. O texto a seguir é uma transcrição da aula, daí a oralidade do texto.

² Donaldo Price, é Bacharel em Teologia, Mestre em Divindade, Mestre em Educação Religiosa, doutorando em Missões. É também o professor titular da Divisão de Missões da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Presidente da Edições Vida Nova e da Associação de Professores de Missões do Brasil.

O CRISTIANISMO NO BRASIL ATÉ A CHEGADA DOS BATISTAS

Na figura 1 a seguir, estou usando um modelo básico da implantação de várias religiões cristãs que vem de Noé Stanley Gonçalves.

Figura 1 – Quadro Panorâmico: A Igreja Brasileira ³

1500	1600	1700	1800	1900	1980
Catolicismo Romano					
Protestantismo de Imigração					
Missões Estrangeiras					
Pentecostais					

A primeira religião cristã a ser implantada no Brasil foi o catolicismo romano. Quase que contemporâneo da implantação do catolicismo romano houve uma tentativa de implantação da fé reformada no Rio de Janeiro. Uma tentativa frustrada devido à chacina dos reformados Huguenotes que faziam parte do partido francês e o exílio dos demais franceses das terras brasileiras. Houve uma outra tentativa no século XVII, por alguns anos, uns 24 ou 25 anos em que os holandeses dominaram uma parte do litoral brasileiro, do nordeste brasileiro, a partir de Olinda e implantaram um pouco a fé reformada. No entanto nenhuma destas duas tentativas protestantes deixou seqüela.

Então estamos dizendo que o catolicismo romano reinou no Brasil por dois séculos ininterruptos sem concorrente algum em termos religiosos, ou três séculos sem concorrente significativo. A partir do início do século XIX o protestantismo de imigração entrou no Brasil. Este protestantismo entrou a partir de um edito do imperador escrito enquanto, dizem as más línguas, estava num navio de guerra inglês, na Bahia da Guanabara, fugindo de Napoleão.

De qualquer forma, o protestantismo entrou formalmente em 1811. O primeiro templo protestante foi concluído em 1821. Neste mesmo ano o bispo do Rio de Janeiro pediu a volta da

³ Noé Stanley Gonçalves. "Quadro Panorâmico: A Igreja Brasileira" Valdir Steuernagel, ed. 1985, *A Evangelização do Brasil: Uma Tarefa Inacabada*. São Paulo: ABU Editora. p. 66.

inquirição, ou seja, a volta do Catolicismo tridentino, ao Brasil.

Durante esse século XIX, quase o século inteiro até a implantação de República, os protestantes eram relativamente tolerados. Sofriam algumas restrições bastante graves, por exemplo: os templos protestantes não podiam parecer-se com templos religiosos. Não podiam ter sinos, não podiam ter crucifixos, não podiam ter nenhuma ornamentação religiosa. Deviam parecer-se com casas. As reuniões protestantes deviam ocorrer dentro de quatro paredes. Em lugares fechados, particulares. Isso até a proclamação da República, formalmente. Em alguns casos, protestantes foram convidados a virem como imigrantes ao Brasil e enviados para povoarem o Sul brasileiro, como no caso do Rio Grande do Sul, para evitar a despesa com exército. As terras gaúchas eram terras bastante vazias e havia vizinhos espanhóis que tinham desejos de anexar aquelas terras. A forma de não ter despesa com o exército era enviar protestantes para lá, mantê-los bem distantes da vida normal da sociedade brasileira e eles, em troca das terras, as defenderiam, contra invasores externos. Portanto vemos, em alguns casos no sul do Brasil, templos que parecem templos mesmo.

Esperava-se, então, que o protestantismo formasse uma espécie de “quisto” no tecido social brasileiro. Os protestantes de imigração teriam a liberdade de praticar a sua fé dentro de um estado secular em troca de ocupar e defender solo brasileiro como bons cidadãos do país. Porém, deveriam ficar longe dos bons cidadãos católicos.

No entanto, no sudeste brasileiro não se encontraram a liberdade que esperavam, dentro de um estado secular. Esses protestantes de imigração foram encontrando uma série de barreiras contra

a prática de sua fé religiosa. Mesmo que o Brasil se declarasse estado secular, a legislação brasileira não era a legislação de um estado secular. Por exemplo: o único casamento válido era o casamento realizado por padre, dentro da igreja católica; o único registro de nascimento válido, era o registro do batismo dentro da igreja católica. Só no final da era colonial são criados os cartórios civis.

Um reformado iria batizar seu filho na igreja católica? Um reformado ou um luterano iria casar-se dentro da igreja católica? Não. Mas se ele se casasse dentro da igreja luterana seu casamento não era reconhecido pelo estado e os filhos dele eram bastardos, ilegítimos, *por definição*. Portanto, não poderiam herdar as terras que ele tinha recebido ao imigrar ao Brasil.

Um reformado nem quando morria poderia fugir da discriminação, pois não poderia ser enterrado em solo sagrado. Por não ser católico, os restos mortais de um protestante profanariam um cemitério católico. Os protestantes finalmente conseguiram abrir seus próprios cemitérios ao lado dos cemitérios católicos. Por isso vemos o cemitério protestante ao lado do cemitério da Consolação, em São Paulo, por exemplo. Estado secular?? Nem totalmente...

Foram anos de lutas pelos protestantes de imigração para ganhar aceitação dentro da sociedade brasileira. Eu digo isso porque, para mim, essas décadas de lutas pelos protestantes de imigração abriram um espaço no imaginário brasileiro para que pessoas de outras confissões religiosas convivessem dentro da sociedade brasileira, e não como mero quisto.

Os Batistas chegam: a colônia em Santa Bárbara

A partir de meados do século XIX chegam os protestantes de missão. Entre esses protestantes citamos os presbiterianos e os próprios batistas. E agora chegamos à nossa história. Os primeiros batistas que aqui chegaram, chegaram como imigrantes, não como missionários. Chegaram depois da derrota sulista na guerra entre os estados, ou a guerra civil norte americana. E queriam vir para uma nação que ainda tivesse escravidão, assim escolherem o Brasil.

Vieram e povoaram Santa Bárbara do Oeste, no Interior de São Paulo. Ficaram lá, chegaram em 1866 e procuraram organizar a sua igreja em 1871. Levaram 5 anos para organizar a igreja entre os imigrantes. Em 1873 eles pedem o envio de missionários batistas para cá para evangelizar os brasileiros. Em suma, só depois de uns 6 ou 7 anos aqui no Brasil cai a ficha de que talvez esses brasileiros vizinhos deles queriam conhecer o evangelho que eles também conhecem.

Em 1878 a igreja deles é reconhecida como base missionária e os pastores como missionários. O reverendo Elias Hoton Quillin, Mr. Edwin Herbert Soper e esposa (Grace) e outros membros são reconhecidos pela Junta de Richmond como missionários auto sustentados, não como missionários enviados com sustento, ao povo brasileiro. E esta igreja reconhecida como base missionária no Brasil logo passa a organizar a segunda igreja batista em Estação, a cidade que hoje se chama Americana.

Eu costumo dizer que esses irmãos nossos

trouxeram realmente três coisas para o Brasil: primeiro, o “erre” *retroflexo*, é chamado o erre caipira, “Monte *Mor*”. Esse “erre” é o “erre” arrastado do Texas. Eu creio que, não sou sofisticado em etimologia mas eu creio que isso veio por influência dos americanos que vieram para cá; segundo trouxeram a deliciosa melancia; e, terceiro trouxeram a fé batista. Não estaríamos aqui se não fosse por eles.

Eles abrem a segunda igreja em Estação, hoje Americana e, no dia 20 de junho de 1880, na sede da Loja Maçônica George Washington, ouvem a profissão de fé de Antônio Teixeira de Albuquerque e o consagram Pastor neste mesmo dia. Betty Antunes de Oliveira tem uma foto de vários irmãos presbiterianos e batistas e outros membros desta mesma loja que se reuniram no mesmo dia, imagino eu, por ocasião da profissão de fé e consagração como pastor do primeiro pastor batista brasileiro. Esta é uma nota de rodapé histórica interessante.⁴

Os Batistas se transformam em igreja de missão: os primórdios da Convenção Batista Brasileira

Pois bem, esses, então, recebem os primeiros missionários propriamente ditos em 1881, William Buck Bagby e Ann Luther Bagby. Em 82 chegam Taylor e sua esposa. Juntos com o pastor Antônio resolvem fazer uma viagem missionária a Minas Gerais. Penso eu que foram também a Salvador da Bahia porque depois desta viagem missionária eles resolvem ir e começar o seu trabalho

⁴ Betty Antunes de Oliveira, *Centelha em restolho seco – uma contribuição para a História dos primórdios do trabalho batista no Brasil*, Rio de Janeiro: edição da autora, 1985. p.372.

missionário em Salvador. E todas as igrejas batistas brasileiras têm suas raízes nesse trabalho missionário. Não nessas duas igrejas começadas pelos americanos na região de Santa Bárbara e Americana. Essas duas igrejas morreram depois de um tempo. Mas todo o trabalho batista brasileiro tem suas raízes nesta primeira igreja batista de Salvador. As três famílias chegam juntas à Bahia em agosto de 1882. Organizam a Primeira Igreja Batista em 15 de outubro de 1882 com 5 membros. A primeira igreja batista brasileira que eles descreveram como igreja nacional. Com 5 membros que são os casais Bagby e Taylor e Pr Antônio. Como pode ser uma igreja Nacional se 80% da membresia é composta por missionários estrangeiros? Mas foi assim que começou a obra batista entre os brasileiros.

Vivem juntos, estes missionários, dividindo acomodações e bens. A primeira perseguição ocorre quando resolvem batizar duas senhoras na praia, no momento histórico quando era proibido aos protestantes realizar cultos públicos. Se lembram? Até a declaração da República nos era proibida a realização de cultos públicos e eles realizaram um culto público de batismo na praia, na sede do episcopado do Brasil. Realizaram os batismos com coragem.

Passam-se alguns anos, a Convenção Batista Brasileira é organizada em 1907, depois da organização da primeira associação de igrejas batistas brasileiras em 1906 pelos paulistas, devido ao apelo missionário. A Junta de Missões Estrangeiras, recém organizada, já estava querendo enviar missionários a Portugal, já estava ouvindo um pedido, um apelo para o envio de missionários ao Chile. Assim, os batistas brasileiros determinaram que iriam organizar-se como Convenção para o envio de missionários. Chegam outros obreiros estrangeiros,

começam colégios, começam seminários.. E no início dos anos vinte surge um cisma entre os batistas brasileiros: se chama “questão radical”.

A QUESTÃO RADICAL

E aqui eu preciso ler a história sobre a questão radical que foi escrita por José Reis Pereira, não na íntegra, simplesmente alguns parágrafos. Trata-se de um momento a que toda a igreja implantada por missionários chega, o momento em que a liderança da igreja por eles implantada se sente capaz de assumir a responsabilidade por seu próprio destino, por seus próprios rumos. A Convenção Batista Brasileira estava chegando a este momento. A forma dos missionários trabalharem este momento histórico, a meu ver, determinará os rumos da igreja filha, para os próximos anos.

Trata-se de uma página lamentável da história batista brasileira que não pode, entretanto, ser omitida. Mesmo porque há lições nela que podem ser aproveitadas e que julgamos já terem sido aproveitadas na maneira de enfrentar problemas posteriores. Sobre as origens da questão, há opiniões diversas, por exemplo: desejo que os novos líderes brasileiros do trabalho tinham de afirmar-se assumindo funções de maior responsabilidade, visto que para isso se sentiam já capacitados; o espírito nacionalista que sucedeu a primeira guerra mundial com a correspondente rejeição da liderança dos missionários norte-americanos; as restrições dos obreiros brasileiros quanto aos gastos de recursos na obra educacional, em detrimento, segundo eles, das necessidades maiores e mais compensadoras da obra evangelizadora; a dependência financeira em que viviam muitos obreiros face aos missionários; o controle absoluto, por parte dos

missionários, dos recursos financeiros provenientes dos Estados Unidos. Cada razão dessas já pesa na balança. Todas juntas formam impressionante motivação.⁵

Qual era a questão radical? Creio eu que os líderes batistas brasileiros tinham duas questões fundamentais: primeiro, já somos crescidos o suficiente para termos o controle do nosso próprio destino eclesiástico, e percebemos que o nosso destino está nas mãos de outros estrangeiros, que apesar de terem implantado o trabalho, já o implantaram há 40 anos atrás. Já é hora de a gente assumir o controle do nosso próprio destino, ser dono do nosso próprio nariz; segundo, os missionários, nos últimos anos, tinham implantado diversos colégios e seminários. Obras dispendiosas, caras, difíceis de manter, caras também. E os líderes batistas brasileiros achavam que na hora do “vamos ver” da repartição do dinheiro, a maior parte do dinheiro ia para os colégios, para os seminários e uma parte menor para a obra de evangelização. E como os próprios radicais chegaram a dizer no seu *memorial*, mais tarde, “os colégios não vão evangelizar o Brasil”.

No seu *memorial*, quinze pastores batistas brasileiros fizeram diversas reivindicações, dentre elas “ressaltavam duas: aplicação, na obra de evangelização, de recursos iguais aos que eram empregados na obra de educação; entrega, à Junta Executiva da Convenção, das verbas que vinham da Junta de Richmond, não ficando estas à discrição somente da missão.”⁶

Os missionários rejeitaram totalmente o *memorial* feito. O estopim da situação⁷ foi uma crise pessoal entre dois

missionários que estavam em Recife. Um deles se sentiu injustiçado e os brasileiros se aliaram a ele e usaram dele para fazer suas próprias reclamações ou reivindicações diante da Junta de Richmond.

Esta crise durou uns três a quatro anos. Nos momentos difíceis os missionários de Richmond foram excluídos das igrejas batistas brasileiras. Quando foram excluídos, chegaram a formar sua própria convenção paralela à Convenção Batista Brasileira, mantendo-se os missionários de Richmond no controle dos colégios e seminários. E fundando a Convenção Batista Brasileira outros colégios e seminários paralelos àqueles.

Finalmente, em 1925, depois de 3 anos de lutas internas chega-se a um bom termo. Um bom termo, um fechamento da crise dando, num documento de cooperação entre os missionários e a convenção quase tudo que os radicais haviam pedido 3 anos antes.

Para Reis Pereira “cabe aqui uma palavra de avaliação desse conflito. Todos os que têm estudado o assunto são concordes em afirmar que houve erros de ambas as partes. Líderes de ambos os lados que tivemos a oportunidade de conhecer e ouvir penitenciaram-se de excessos cometidos”.⁸

Sobe-se o sangue, não é? Quem disse que americano era sangue frio? Sobe-se o sangue de ambos os lados e aí perde-se o controle.

Mas temos de convir que, sendo os missionários mais experientes, provindos de um meio cultural evangélico mais adiantado, sendo eles os mestres daqueles mesmos que contra eles se levantaram, deveriam também ter sido mestres na humildade, no amor cristão, na renúncia,

⁵ *História dos Batistas no Brasil: 1882 – 1982*. Rio de Janeiro, JUERP, 1985, p. 113.

⁶ Reis Pereira, p. 116

⁷ É interessante, os motivos vão borbulhando e brotam quando tem uma desculpa, uma justificativa.

⁸ id. ibidem, p. 120

na boa vontade, na prática das boas virtudes neo-testamentárias. Essas coisas infelizmente são esquecidas quando questões pessoais envenenam os espíritos. Bem diferente foi a atuação do secretário da Junta de Richmond, Dr. J. F. Low. Este deixou entre os brasileiros a mais profunda impressão de espírito cristão e piedade autêntica. E assim, ao fim de 3 anos de lutas, que causou fundas e dolorosas feridas, as idéias radicais foram, pelo menos teoricamente, aceitas. Houve ainda dissensões mais tarde, mas nunca mais com a mesma violência e intensidade. A lição ficou. Assim, recordá-la vale a pena. Cristianismo muitas vezes é sofrimento, mas tem que ser vivido.⁹

Há mais uma avaliação que Reis Pereira faz desta questão no final. Quando ele faz uma avaliação inicial da questão radical ele diz o seguinte: “Já vimos que o número de batistas havia dobrado na década de 1911 a 1920. 102,6% de crescimento. Na década de 1921 a 30, o percentual de crescimento baixou para 70,6% e de 31 a 40 desceu ainda mais, 58%. Quem lucrou com essa queda?”¹⁰

Momento difícil por que passamos. E passamos. Mas creio eu que existem algumas lições a serem aprendidas disto. Mas antes de chegar a estas lições queria fazer um contraste com as Assembléias de Deus.

A chegada das Assembléias de Deus

As Assembléias de Deus (AD) foram iniciadas na cidade de Belém, Estado do

Pará, no Norte do Brasil, a partir de um cisma também. Chegaram, mas são fruto, do ponto de vista dos assembleianos, de uma visão, literalmente, de uma visão que um irmão teve e deu para dois amigos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que eles deveriam viajar a um lugar chamado Pará, para ali falar ao povo do evangelho de Deus. Ai eles tiveram que buscar um atlas porque eles não conheciam, nem sabiam onde ficava o Pará. Tinham 90 dólares no bolso, sentiram de Deus dar esses 90 dólares para uma revista e foram embarcar, e alguém lhes deu na viagem para o embarque, os 90 dólares da passagem de vinda para o Belém. Ou seja, os dois missionários que aqui chegaram, saíram do navio sem um tostão no bolso. Eram imigrantes suecos nos Estados Unidos e vindos ao Brasil. Um deles trabalhava, enquanto o outro estudava a língua.

Criou-se uma divisão na igreja Batista em Belém onde eles se reuniam, aliás foram para essa igreja porque se consideravam batistas. Suecos. E uma nota interessante é que vários missionários das Assembléias de Deus no Brasil vinham das igrejas batistas suecas, mais ainda, que houve um momento na história do Brasil em que a mesma convenção batista Sueca estava sustentando missionários nas Assembléias de Deus no Brasil e um missionário na Convenção Batista Brasileira.¹¹

Mas se consideravam batistas. Se uniram à igreja batista em Belém. Dividiram a igreja. Começaram a primeira igreja da Assembléia de Deus. Continuam trabalhando no norte e nordeste do Brasil crescendo em círculos concêntricos ao redor de Belém. Eles crescem, diz Rolim, através do que ele chama de nucleação.¹²

⁹ op. cit., pgs. 120 – 121

¹⁰ p. 114

¹¹ Conforme narrativa do missionário sueco, Bertil Ekström

¹² Rolim, Francisco Cartaxo. 1985. Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa Petrópolis, Vozes, pp. 46-47.

Isso é o seguinte: um irmão na sua vida tem de ir trabalhar em uma outra cidade. Ele vai à outra cidade e na sala de sua casa começa a realizar um culto. Eles não crescem a partir de um plano diretor.

Quem esteve aqui nos anos 80 se lembra do Plano de Adensamento.¹³ Os batistas procuram implantar planos diretores e os assembleianos na época procuram simplesmente ir com empolgação, com fé, com o Espírito Santo, e onde estão pregam a fé pentecostal.

Os assembleianos chegaram no Rio de Janeiro em 1924. Em 1921 chegam mais obreiros suecos. São vistos simplesmente como mais mão de obra. Não são vistos como quem vai assumir o trabalho das Assembléias de Deus, são vistos simplesmente como mais obreiros entre os obreiros que ora existem no Brasil. Em 1924 chegam ao Rio, absorvem o trabalho da igreja de Deus na região. Uma outra estratégia usada pelas Assembléias, “consciente ou inconscientemente”, diz Rolim, é que eles nunca começaram um trabalho em terra virgem. Eles iam onde já tinha algum trabalho protestante e, a partir deste trabalho protestante, então começaram o seu trabalho. Tudo bem, eles absorvem a Igreja de Deus no Rio de Janeiro através da nucleação, pela falta comum de recursos. Temos de lembrar uma questão de nacionalidades aqui. Enquanto os missionários americanos vinham, mesmo nessa época, de uma nação abastada, relativamente abastada, os missionários suecos não vinham de uma nação abastada. Eles vinham sem recurso. Berg e Vingren haviam migrado originariamente aos Estados Unidos buscando melhorar sua situação econômica.

Pois bem, nem os missionários suecos nem os brasileiros detêm grandes recursos econômicos. Vão dividindo seus

recursos com os obreiros brasileiros, espalhando sua fé e chegam a trabalhar no Rio de Janeiro.

Até esse momento, cada vez que a Assembléia de Deus começa numa nova cidade, começa um novo Ministério. Ministério de Belém, o Ministério do Rio de Janeiro e assim por diante. Mas surge um irmão chamado Paulo Leivas Macalão no Rio de Janeiro e esse irmão, um líder carismático, decide ir aos subúrbios do Rio de Janeiro, um subúrbio bem distante chamado Madureira, e assim começa o Ministério de Madureira.

Isso em 1929. Somente em 1941 que o Ministério de Madureira ganha personalidade jurídica independente do ministério da missão. Ou seja, durante 12 anos operou como ministério à parte, dentro da mesma pessoa jurídica do ministério da missão. O que aconteceu? Os suecos viam um líder surgir, diga-se de passagem, menos de 20 anos após o início do seu trabalho, enquanto para os batistas esse mesmo momento demorou 40 anos para chegar. E esse líder queria começar seu próprio ministério, queria e era capaz. O abafaram? Não! Disseram “Amém. Vai lá! Deus te abençoe. Comece seu próprio ministério. Nós vamos te dar todo o apoio que você precisa.” E aí começaram o modelo assembleiano de trabalhar essas mesmas questões. Mantinham-se os laços fraternais, enquanto os laços institucionais acabavam sendo cortados.

Existe hoje a Convenção Geral das Assembléias de Deus, que congrega os diversos ministérios das Assembléias de Deus mas os ministérios têm sua própria personalidade jurídica. São instituições, nós diríamos até denominações, diferentes, porém dentro da mesma família.

¹³ No Estado de São Paulo.

Perspectivas diferentes, reações diferentes dos próprios missionários ao lidarem com a mesma questão.

crescimento dos batistas e das Assembléias de Deus.
Primeiro dos batistas.

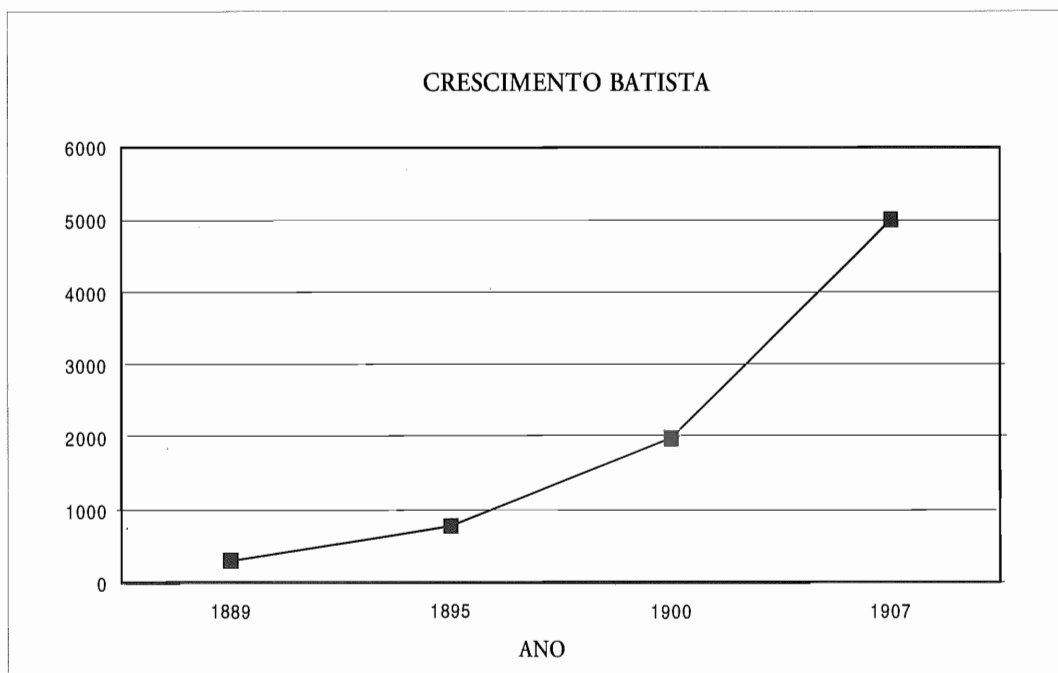
Vou aproveitar agora para fazer uma análise comparativa de alguns gráficos do

Esse primeiro gráfico se baseia em Crabtree.¹⁴

Tabela 1 – Quadro Panorâmico: A Igreja Batista no Brasil

A Igreja Batista no Brasil	1889	1895	1900	1907
Nº DE MEMBROS	312	784	2000	5000
TAXA DE CRESCIMENTO		151,28%	155,10%	150,00%
Nº DE ANOS		6	5	7
TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL		17%	21%	14%

Figura 2 – Igreja Batista - Crescimento de membros



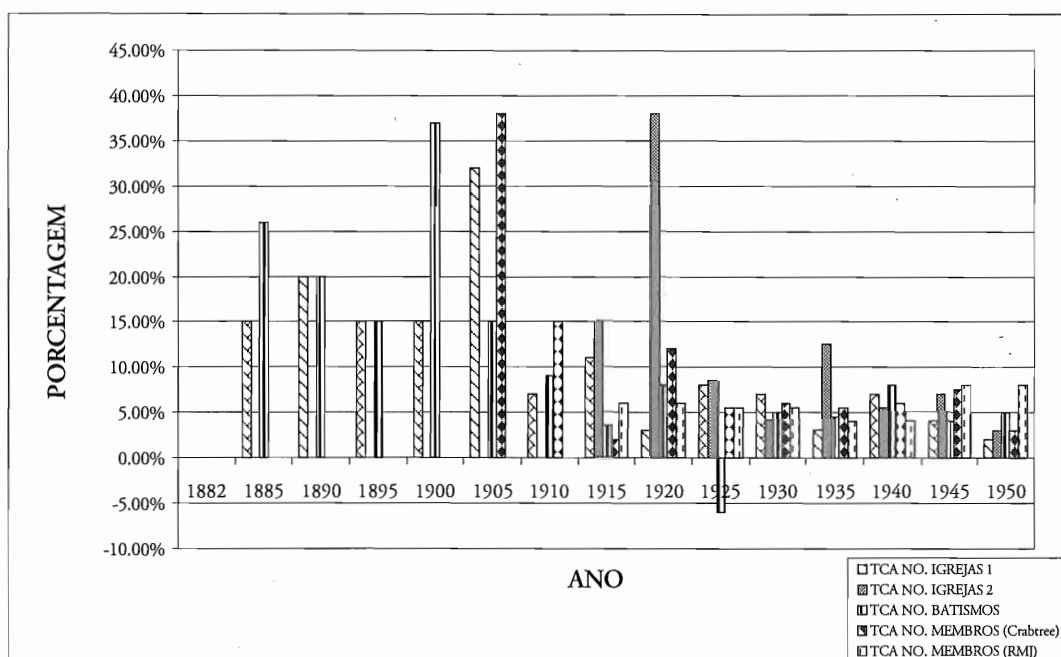
¹⁴ *História dos Baptistas do Brasil até o anno de 1906*, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1936.

Entre 1889 e 1895 em termos numéricos, os batistas brasileiros cresciam dezessete por cento por ano. Respeitável. Até 1900, vinte e um por cento ao ano. Até 1907,

catorze por cento ao ano. Um crescimento, eu diria, razoável.

Aqui uma outra comparação.

Figura 3 – Comparação Taxa de Crescimento Anual dos Batistas brasileiros: 1882 - 1950

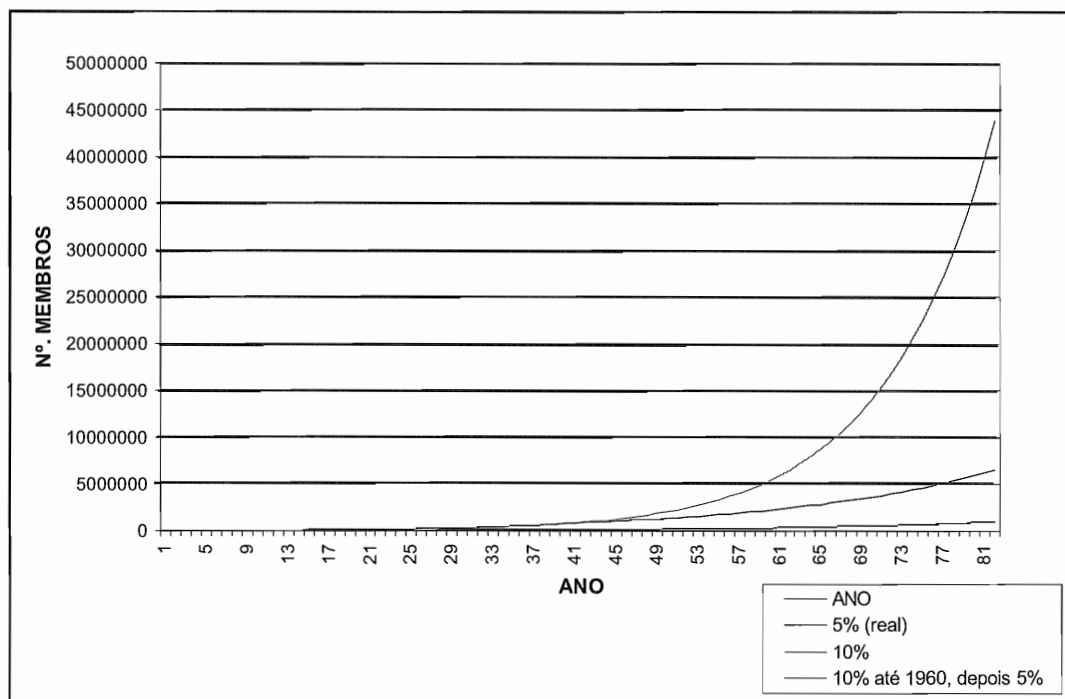


Temos duas medidas de crescimento de igrejas. O crescimento dos batismos e o de número dos membros. Um decréscimo de batismos é notado no gráfico entre 1920 e 1925. O que estava acontecendo na Convenção Batista Brasileira entre 1920 e 1925? **A questão radical.** Há um crescimento até 1910, cai um pouco até 1920, com um pico aqui. De 1925 em diante, nunca mais ultrapassamos a taxa de crescimento de dez por cento ao ano. Aliás se nós calculássemos a partir de 1920 o crescimento dos batistas brasileiros a

cinco por cento ao ano até hoje, chegaríamos na casa de um milhão de batistas brasileiros, o que é mais ou menos o número de batistas que ora existem. Ou seja, até 1920, 25 nós estávamos crescendo a mais de dez por cento por ano. A partir de então, nosso crescimento caiu para cinco por cento por ano. Qual a importância disso? Tem uma linha que sobe bem mais alto do que as outras indicando que se nós tivéssemos continuado a crescer a vinte por cento por ano, nós estaríamos hoje na casa de quarenta e três milhões de batistas

brasileiros. Qual é a diferença entre cinco e dez por cento por ano de crescimento? Pouca coisa não é? Sem importância.

Figura 4 – Crescimento dos Batistas brasileiros: 1920 - 2001



Dá para ver aqui essa linha vermelha em baixo. Este é o real crescimento da Convenção Batista Brasileira a partir de 1920. E eu só brincando com os números um pouco pensei: “E se nós tivéssemos crescido a dez por cento por ano até 1960 e de 1960 para cá, bem como as Assembléias de Deus, só crescêssemos a cinco por cento por ano, onde estaríamos?” Estaríamos na casa de sete milhões de batistas brasileiros, ou seja, nós seríamos as Assembléias de Deus no Brasil, em termos numéricos, hoje. Que diferença um pequeno cisma

faz? Que diferença a atitude dos missionários perante a liderança nacional faz? Muita. Muita.

Eu vou usar 3 gráficos das Assembléias de Deus também. As Assembléias de Deus não se preocupam, via de regra, em manter estatísticas que eu chamaria de muito confiáveis. Não é que queiram falsificar nada. Simplesmente não se importam com essas questões. Estão muito ocupados com outras coisas. Há um dado na tabela 2 que me deixa um pouco perplexo. Hollenweger

que é bem conhecido estudioso da obra pentecostal diz que em 1930 tinha treze mil assembleianos no Brasil, e em 1940 tinha quatrocentos mil assembleianos no Brasil. Pode? Em dez anos crescer de treze mil para quatrocentos mil? Confesso que me acho um pouco cético quanto a isso. Se Deus é capaz? Deus, claro que é capaz. Mas acredito ser mais provável que as Assembléias de Deus cresceram em média vinte e três por cento entre 1911 e 1930. Lembremos que os batistas brasileiros alcançaram 18 a vinte por

cento por ano sem muitas dificuldades nos primeiros anos de vida deles também. Então, as Assembléias cresceram 23% ao ano até 1930, treze por cento por ano até 1960 e cinco por cento por ano de 1960 para cá. Esses anos são anos em que tenho dados conferíveis do IBGE, ou seja de referência. 23% ao ano, durante 20 anos, é um crescimento fantástico. Treze por cento por ano, durante 30 anos, também é fabuloso. Cinco por cento por ano, durante 40 anos, não é lá grande coisa.

*Tabela 2 Crescimento da Assembléia de Deus
1911-1967*

ANO	Nº MEMBROS	% CRESCIMENTO	TGCA
1911			
1920			
1930	13.511		
1940	400.000	2.860,55%	
1950	680.000	70,00%	7%
1960	960.000	41,18%	3,50%
1967	1.400.000	45,83%	5,50%

*Figura 5 – Crescimento da AD: 1911-1967
número de membros¹⁵*

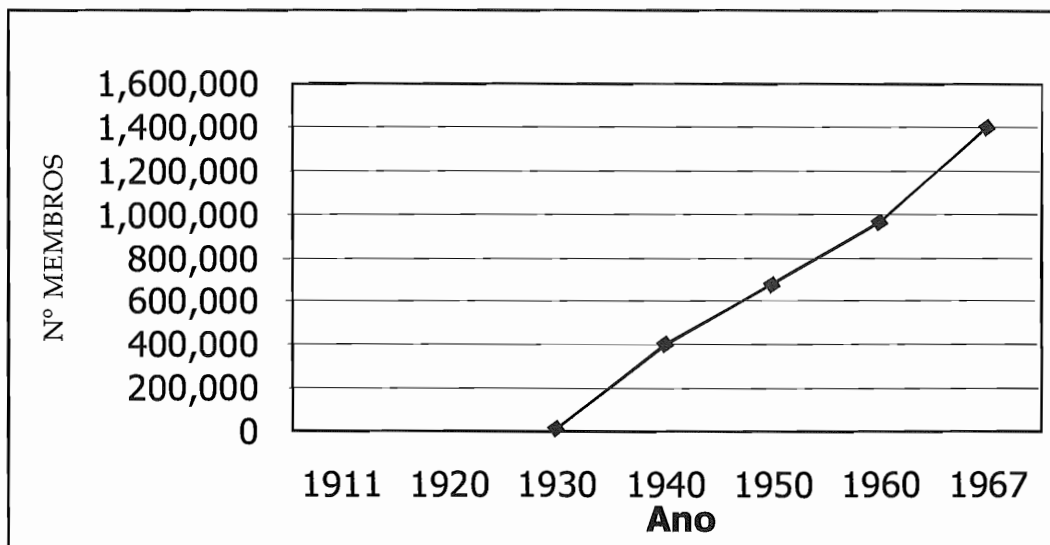
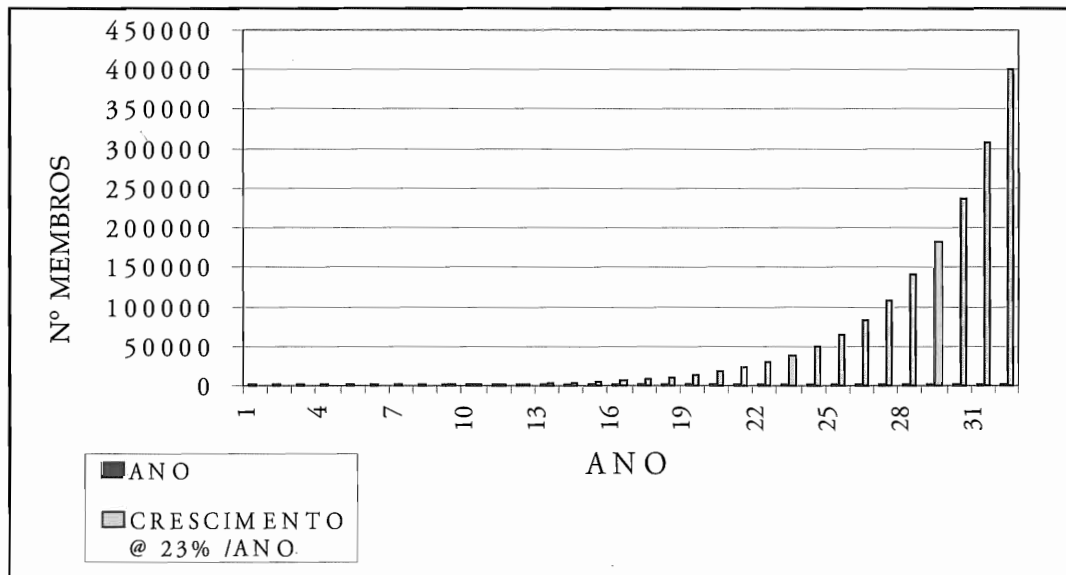


Figura 6 – Crescimento das AD 1911-1940¹⁵



¹⁵O gráfico de Hollenweger pode ser encontrado nos próximos dois livros dele: -Walter Hollenweger, El Pentecostalismo: Historia y doctrinas, Buenos Aires: Editora La Aurora, 1976, p.122 . Walter Hollenweger , The Pentecostals, Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1988, p.78

CONCLUSÃO

As duas igrejas seguiram modelos missionários diferentes. O que digo a seguir é minha opinião particular. O modelo missionário da implantação batista brasileira, a meu ver, era o modelo de uma empresa multinacional. “Não. Vamos começar uma nova frente de trabalho e aí vamos investir recursos e obreiros até que essa frente de trabalho tome seu próprio vulto e cresça.” Ou seja: “Vamos começar uma fábrica. Lá dessa fábrica, eventualmente, veremos lucros.” Não seria essa comparação?

Tabela 3 - Comparação das estratégias missionárias Batista e da Assembléia de Deus

Modelo missionário da implantação batista brasileira	Modelo missionário da implantação das Assembléias de Deus no Brasil
Empresa Multinacional	Movimento Popular
Planejamento e Organização Central, estruturado	Nucleação
Investimento Alto das igrejas de origem	Baixo Investimento das igrejas de origem
Hierárquica	Igualitária / Democrática
Estrangeira	Nacional
Burguesa	Popular
Institucional	Pessoal

Organização: estratégia centralizada. Investimento alto de recursos, que vou dizer daqui a pouco. E as ordens são dadas pela central. Considere aqui o fato da resolução da crise radical vir a partir da intervenção do secretário geral da Junta de Richmond na própria Convenção Batista Brasileira em 1925. Ele teve de vir para intervir no processo. Enquanto isso, as Assembléias de Deus implantaram-se como um movimento popular. Chegam dois irmãos, sem estrutura nenhuma, com a “cara e a coragem”, guiados por Deus e o lema

“vamos evangelizar o Brasil”. Criam, mais tarde, laços principalmente com as igrejas batistas suecas, e um pastor sueco em particular, mas a estratégia não é a burocrática centralizada como que de uma empresa ou empresarial. É de um movimento. Portanto o crescimento dos batistas brasileiros se dá através de planejamento e organização central. Crescimento estruturado: “vamos trabalhar aqui, vamos enviar obreiros acolá, vamos fazer isto aqui, vamos pegar os recursos daqui e investi-los lá.” Estrutura, alvos quinquenais ... Estão

reconhecendo algumas características nossas? E o crescimento das Assembléias de Deus se dá por nucleação. Ou seja, um irmão, empolgado com Deus, com o que Deus está fazendo na sua vida, chega numa cidade e começa a falar. Aí reúne um grupo, e quando a igreja já está funcionando, dizem: “Será que a gente não devia chamar um pastor? É, precisamos sim, você conhece alguém?” É mais ou menos assim uma coisa espontânea, não planejada quase que burocraticamente.

Consequências. Investimento alto das igrejas de origem. Particularmente gostaria de fazer esta pesquisa um dia. Quanto que a Junta de Richmond investiu na Convenção Batista Brasileira ao longo dos anos? Eu diria, conservadoramente, dezenas de milhões de dólares. Dezenas de milhões de dólares, se não centenas, se incluirmos o sustento dos próprios missionários. O modelo das Assembléias de Deus, por outro lado, implica em baixo investimento das igrejas de origem. Quanto que as igrejas suecas investiram nas Assembléias de Deus no Brasil? Muito? Muito pouco, em termos relativos.

Este ponto é um pouco controverso. Creio que na implantação, e ouçam bem, **na implantação** do trabalho batista brasileiro, as relações entre os missionários e os batistas brasileiros por muito tempo foram relações hierárquicas. O missionário do lado de cima e o batista brasileiro do lado de baixo. Assalariado até.¹ E as relações entre os missionários suecos e os assembleianos no Brasil eram muito mais democráticas. Eu sei que é meio estranho, como batistas, pensarmos sobre nós como hierárquicos e nos assembleianos como democráticos. Mas, na postura missionária, na implantação dos nossos trabalhos, os fatos indicam que foi isso mesmo.

Resultado. Os batistas brasileiros adquiriram um gostinho estrangeiro. E veja que falo sendo norte-americano. Enquanto as Assembléias de Deus não tiveram este gostinho. Ao meu ver os batistas brasileiros também adquiriram uma identidade burguesa enquanto movimento. Qual o propósito destes colégios se não em alcançar a alta sociedade das cidades onde se trabalhava? Ou seja, buscava-se a aceitação dos batistas brasileiros pelas elites brasileiras. Ganhar esta aceitação. Enquanto isso, as Assembléias de Deus simplesmente não se importaram com isso. Tornaram-se um movimento popular. O contraste está entre o institucional e o pessoal. Instituições, prédios, colégios, seminários, monumentos gigantescos e coisas pessoais. A igreja das Assembléias de Deus em Belém, que foi fundada em 1911, foi construir seu primeiro templo somente em 1950. Qual a ênfase dessa igreja? Em construções? Creio que não, mas na pregação e em gente.

Que é que estou dizendo? Do ponto de vista de um missiólogo estou dizendo que o modelo das Assembléias de Deus, especialmente em se tratando de missões no terceiro mundo, é um modelo mais fácil de copiar. Para não dizer mais adequado à nossa realidade e à realidade dos povos que vão receber o evangelho a partir da nossa pregação. Estou dizendo que, do ponto de vista missionário, que terá de chegar o momento em que os líderes nacionais irão dizer: “Nós queremos assumir o controle do nosso próprio destino”. E se os missionários perderem a chance nesse momento podem frustrar o trabalho, seu trabalho, por muitos anos. Essa é a hora de entregar as rédeas do poder para os nacionais.

¹ Quem conta essa história é o pastor Irland Pereira de Azevedo.

Podem os Batistas brasileiros se renovar?

Quanto aos batistas brasileiros tenho um ponto de interrogação. “Será que nós podemos nos renovar?” Sei que “renovado”, para batista brasileiro traz lembranças de cismas e coisas parecidas da década de 60. Estou me referindo à renovação no sentido Troeltschiano. De um movimento que se renova, se torna novo. Sim, se estivermos dispostos a pagar o preço necessário para nos tornarmos um movimento popular. Como? Primeiro, ao invés de aumentar o clericalismo das nossas lideranças, diminuí-lo. Aqui vai uma análise pessoal minha. Creio que estamos num momento de crescente clericalismo em nossas lideranças. E esse clericalismo irá nos afastar do povo, e vai frustrar o nosso crescimento. Temos de remar contra a maré, criando meios de treinamento de liderança mais populares e práticos, menos acadêmicos. Podendo os líderes treinados destas formas assumir qualquer tipo de liderança, baseado em sua comprovada competência. Por exemplo, as sedes das Assembléias de Deus têm suas escolas de teologia. A ETAD, a Escola de Teologia das Assembléias de Deus tem vinte e quatro mil alunos por extensão. As Assembléias de Deus tomaram emprestado uma página da história batista. Eles tem pastores e evangelistas e tanto pastores como evangelistas podem servir ceia, podem batizar, podem liderar igrejas. Enquanto isso nós insistimos que só pastores podem fazer estas coisas e na maioria das nossas igrejas se o pastor não tiver bacharel,¹ quase não pode ser pastor. Se não é bem isso, mas estamos caminhando nesta direção. Em 1 Timóteo 3 é assim? Quem deseja o

episcopado boa obra deseja, ora os bispos precisam ter bacharel... Será?

Voltar a termos pregadores leigos, plenamente aceitos como líderes pastorais, bem como as Assembléias de Deus tem seus pastores evangelistas. Os batistas do século agora retrasado eram o que as Assembléias de Deus foram no século passado. Por que? Por causa dos pregadores leigos. Os que os assembleianos chamam de evangelistas. Pessoas comuns que, com a Bíblia e a direção de Deus, pregavam a palavra de Deus. E eram reconhecidos como líderes pastorais das igrejas.

Tem outras propostas? Tem. Mas se nós aplicarmos estas, já vamos transformar nossa maneira de ser batista brasileiro. A questão é se existe vontade para fazermos isso. Queremos alcançar o povo brasileiro ou queremos continuar, desculpe a frase, brincando de igreja da forma que temos brincado até o momento? Amém.

Resumo: pode surgir uma “renovação” dos batistas brasileiros?

1) Sim, *se estivermos dispostos a pagar o preço necessário para nos tornarmos um movimento popular.*

2) Como?

a. Ao invés de aumentar o clericalismo das nossas lideranças, diminuí-lo;

b. Remar contra a maré, criando meios de treinamento de liderança mais populares e práticos, menos acadêmicos, *podendo os líderes treinados destas formas assumir qualquer tipo de liderança*, baseado em sua comprovada eficiência. Por exemplo, as sedes das AD têm suas “escolas de teologia”, onde os líderes são treinados.

¹ Qual será a porcentagem da população brasileira que tem bacharel?

c. Voltar a termos “pregadores leigos”, plenamente aceitos como líderes pastorais, bem como as AD têm seus pastores e evangelistas;

NB – O que apresentei aqui é um ponto de partida. Existem outras propostas, por exemplo, ter cultos mais populares, etc. Porém, a aceitação destas já implica na transformação da mentalidade batista e resultará em outras transformações da nossa maneira de ser batista brasileiro.